

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA RELAÇÃO TEORIA/PRÁTICA

Ozir Tesser (*)

INTRODUÇÃO

Diante da situação precária do ensino escolar no país, em todos os níveis, é de se perguntar quais são as razões que a explicam.

Poder-se-iam buscar estas razões em fatores de naturezas as mais diversas, entretanto, as de razão econômica, política e social parecem prevalecer sobre as de natureza propriamente educacional (competência profissional, formação dos professores, organização escolar, livro didático, duração do período escolar, evasão, repetência, pedagogia inadequada etc.).

Entretanto, não é nosso objetivo examinar estas razões tão amplamente evocadas em inúmeros estudos.

A proposta de estudo que nos é feita hoje, visa tentar interpretar a questão da crise escolar através do estudo da relação *teoria e prática*. Pretende-se através desta análise buscar elementos que permitam a partir de um outro ângulo de vista superar os graves entraves que relegam a educação escolar brasileira a níveis anacrônicos.

Entenda-se, portanto, que este estudo não pretende suprir a necessidade de outras análises mais amplas, mas busca, num terreno particular do saber acadêmico, luzes para compreender e meios para vencer este desafio maior à atual geração de educadores brasileiros.

(*) Conferência proferida no I ENCONTRO REGIONAL DE PEDAGOGIA APLICADA AO ENSINO SUPERIOR — NORTE/NORDESTE, Fortaleza, 02 de setembro de 1987.

É patente também que este estudo particular sobre a relação teoria e prática não se coloca à margem das próprias razões econômicas, sociais, políticas ou educacionais que explicam o descalabro da escola brasileira, pelo contrário, as atravessa com tal pertinência, que poderíamos afirmar que a distância entre o pensar e o fazer, entre o discurso e a realidade, entre a teoria e a prática é a principal mazela da educação brasileira.

Entretanto, a questão é mais complexa. Poderíamos ser tachados de precipitados, ao afirmar que haveria uma excelente teoria sobre a educação e a escola e uma péssima prática educativa. Mas adentremos mais nesta linha de reflexão.

Não há dúvida de que há uma excelente produção teórica no Brasil sobre o problema educacional. Sobretudo a partir da década de 70, o pensamento pedagógico brasileiro dá um salto de qualidade buscando o que de melhor já se produzia mundialmente no terreno educacional como confluência da contribuição de várias ciências, de modo particular, da filosofia, da sociologia, das ciências políticas, econômicas e psicológicas. É inegável que avançamos muito neste terreno.

Hoje podemos contar com uma ampla bibliografia nacional que não deixa a desejar ao que de melhor se produz em outras nações. Entretanto, nossa prática educacional demonstra um descompasso abismal. Poder-se-ia dizer, a teoria é excelente no Brasil, mas a prática educacional brasileira é catastrófica. Como explicar este hiato entre a teoria e a prática?

Poderíamos parafrasear as observações de um célebre autor alemão que em meados do século passado ao analisar a contribuição de seu país, a Alemanha, observava que sua capacidade em elaborar teoria era inversamente proporcional à sua incapacidade de revolucionar pela prática a realidade. Seríamos também nós, educadores brasileiros, competentes no terreno do pensamento, e anacrônicos no da ação real?

Acredito que a situação não é bem esta. Seria, a nosso ver, uma afirmação apressada dizer que a grande massa de educadores do Brasil teve acesso às teorias educacionais a que nos referimos. Na realidade, os educadores — e falo dos quatro níveis da educação oficial — em sua grande maioria, não tiveram nem mesmo a oportunidade de ter acesso às teorias mais questionadoras que são, hoje, patrimônio do pensamento pedagógico brasileiro.

Não podemos, portanto, afirmar que o que falta não é teoria e sim uma prática conseqüente. Não pretendo me alongar

na descrição da visão teórica que impregna as práticas educacionais dominantes. Basta marcar posição de que não nos parece que nosso problema maior seja o descompasso entre, por um lado, uma teoria revolucionária em educação, e outro, uma prática conservadora.

Cabe aqui ainda uma reflexão. Os centros onde o pensar educacional têm mais avançado tem dinamizado a prática educativa. Os pedagogos brasileiros mais criativos e mais críticos não têm deixado de, em sua prática, transformar a educação brasileira. A verdade é que ainda é diminuta a infiltração destas reflexões educacionais na rede escolar brasileira. A maioria de nossos educadores está longe de poder se beneficiar de uma formação que vença o passivismo, a parcelização o burocratismo, o corporativismo em que a formação social brasileira mergulhou a prática educacional.

Por outro lado, a articulação teoria e prática é um processo contraditório e nele há momentos em que predomina uma visão teórica, a qual, num segundo momento, poderá levar a buscar sua correspondência com a realidade educacional circundante.

Assim, é verdade que nossos Centros Educacionais, Faculdades, Cursos de Pós-Graduação, Mestrados, ainda têm marcadamente uma visão teórica, mas vejo isto não com desespero, mas como uma necessidade de se libertar da opacidade do cotidiano educacional; num segundo momento, e ele já começa a despontar, buscará sua articulação com a complexidade da realidade educacional.

Talvez este parece ser o desafio no momento para aquele punhado de educadores que estão tendo acesso a uma visão mais global e mais crítica das estruturas educacionais e do ato educativo. Falo do desafio de pensar o real concreto e tentar vencer suas amarras.

É neste rumo que tento refletir a articulação teoria e prática no projeto pedagógico da Universidade.

I — TEORIA E PRÁTICA NO PROJETO PEDAGÓGICO DA UNIVERSIDADE

Não podemos pensar a relação ou articulação teoria e prática na formação universitária sem ter presentes as condições históricas em que esta articulação é buscada.

Assim, a divisão social do trabalho, e sua conseqüente divisão da sociedade em classes sociais determinam em gran-

de parte os limites da articulação possível na atual sociedade em que vivemos. Com isto queremos afirmar que a articulação teoria e prática ao mesmo tempo que se dá de inúmeras formas e maneiras dentro de um mesmo contexto social, dá-se também de forma diferente em sociedades diferentes.

A divisão do trabalho manual e do trabalho intelectual na sociedade capitalista impõe limites a uma articulação mais criadora e rica entre o pensar e o agir, entre o conceber e o produzir em que pese a fantástica capacidade da ciência de produzir transformações jamais antes imaginadas pelo homem.

Esta força extraordinária da teoria, tornada ciência, não integra em seu vertiginoso avanço a realidade humana vista em seu conjunto, antes, a dilacera, sob a forma de conflitos de interesse onde a grande maioria vê-se ainda e por longo tempo, excluída das vantagens de tal epopéia.

A articulação teoria e prática passa sob este ângulo de vista pela luta política que é um desafio constante ao homem universitário, apesar de todos os esforços para colocá-lo à margem das decisões que definem a distribuição do poder na sociedade.

Com isto colocamos desde o início as bases do que, a nosso ver, constitui o projeto pedagógico fundamental da universidade: a formação para a *ação científica*, e para a *ação política*, as quais não deixam de manifestar sob um certo prisma o prolongamento da divisão da teoria e da prática que por sua vez sofre as conseqüências da divisão da sociedade em classes.

Postas estas reflexões que certamente merecem maior aprofundamento, gostaria de abordar dois temas relacionados com o problema da teoria e da prática: o da teoria do conhecimento e em seguida a questão do método da compreensão da teoria e da prática.

II — TEORIA E PRÁTICA NA TEORIA DO CONHECIMENTO

A questão da teoria e da prática não pode ser desvinculada da teoria do conhecimento. Definir a articulação de ambas-teoria e prática-significa precisar o papel de uma e de outra no trabalho incessante do homem em desvendar e agir sobre a natureza, a sociedade e o pensamento, para tornar o universo um mundo mais humano.

Partindo da teoria do conhecimento procuramos nos situar entre as duas tendências maiores, uma, que a baseia

cia e a essência das coisas coincidissem diretamente". (Marx. *O Capital*, L. III, Sec. VII, Cap. 48, III).

Há teorias e teorias. Há teorias que dão conta da realidade, que permitem detectar a trama complexa do real, e há teorias que nada mais são do que elucubrações apoiadas nas aparências da realidade, donde seu caráter por vezes persuasivo, ou mesmo baseadas em experiências pessoais sem o suficiente respaldo da análise crítica.

Afirmar que "o critério de verdade é a experiência intersubjetiva comunicada ou intuída" (1) não dirime as duas questões básicas da teoria do conhecimento e abre a porta ao idealismo subjetivista, ao pragmatismo e ao agnosticismo.

03. Uma vez admitida a objetividade da "coisa em si" e a possibilidade de conhecê-la em si mesma para além das aparências, pergunta-se como se faz o conhecimento do real. Esta questão nos leva a tocar em várias questões:

a) A origem das idéias. As idéias surgem da prática social dos homens, isto é, do confronto do homem com a natureza, com os homens (a sociedade) e com o pensamento. Simplificando, é comum se referir a três tipos de práticas donde se originam as idéias: o trabalho produtivo, a luta de classe e o trabalho científico. (2) É claro que esta simplificação que enfatiza alguns aspectos importantes não nos deve levar a esquecer a complexidade dos confrontos do homem com o real, sugerindo-lhe idéias, concepções, emoções, criação artística, finalidades, obrigações etc...

Esta posição na teoria do conhecimento se opõe às concepções que advogam, por exemplo, o inatismo das idéias ou mesmo às concepções do racionalismo que, partindo do realismo ingênuo, desabam na busca da razão em si mesma desvinculando-se da prática como fundamento e critério da verdade.

(1) DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO. O Problema da Teoria e Prática da Educação. *Educação em Debate*. Fortaleza, Ed. UFC, jan./jun., 1986.

(2) Cf. MAO-TSE-TUNG. Sobre a Prática. *Teoria*. Belém, Ed. Boi Tempo, 1978.

b) Outra questão que importa salientar a respeito de como se produz o conhecimento consiste em se indagar se o conhecimento verdadeiro decorre simplesmente da percepção do real ao nível empírico (realismo ingênuo) ou se admitindo este primeiro nível na gênese do conhecimento, situa, entretanto, o conhecimento verdadeiro (concreto-pensado) no movimento que vai da idéia crítica ao concreto-real através da prática. De tal forma que na produção do conhecimento verdadeiro o movimento não seria sensação-idéia (embora esta seja sua gênese original), mas teoria crítica e sua confrontação com o real-concreto síntese de múltiplas determinações. É este talvez o ponto fundamental que separa na teoria do conhecimento o materialismo dialético do empirismo e positivismo que predominam nos cursos universitários.

Estas reflexões conduzem necessariamente a questão do método científico de conhecimento, que, no entanto, não cabe desenvolver neste trabalho.

Como se vê, sugerir que a origem do conhecimento é a experiência é insuficiente e abre a porta às concepções as mais contraditórias. Na realidade o processo de conhecimento não pode se reduzir a um mero fenômeno psicológico, sem abrir caminho ao subjetivismo, ao pragmatismo, ao agnosticismo ou ao idealismo.

04. Uma vez admitida a objetividade da "coisa em si", a objetividade do conhecimento, o processo como se chega ao conhecimento verdadeiro, a pergunta seguinte é de como nos certificarmos da verdade do conhecimento. Em resumo, trata-se de saber qual é o critério da verdade do conhecimento? o que nos garante que o conhecimento — a teoria-corresponde efetivamente à verdade objetiva, ao concreto-real?

Quanto à esta questão, muitos filósofos trouxeram suas concepções. Para alguns, a garantia da verdade do conhecimento é a evidência, para outros a clareza da idéia ou outros atributos. O argumento de autoridade como critério de verdade embora tão freqüentemente utilizado também não é satisfatório: "para o racionalismo moderno, a consciência é o critério de verdade como da existência; ela é o ato mesmo de conhecer, no qual o pensamento se torna seu próprio objeto.

Uma idéia é verdadeira quando ela se apresenta à consciência sob forma clara e distinta. A consciência é ao mesmo tempo princípio e substância". (...) "Marx emprega uma palavra muito dura para estes filósofos da consciência. Eles lembram, diz ele, o onanismo. A dialética materialista é essencialmente uma teoria das condições da consciência. A consciência de si não basta a si mesma. Ela deve apreender seus próprios fundamentos. O ser precede o conhecer. A consciência é condicionada biologicamente, fisiologicamente, socialmente. O idealismo é uma curiosa pretensão da consciência de se produzir a si mesmo, por uma contorsão insensata". (3) Para o materialismo dialético, o que dá a certeza de que o conhecimento é verdadeiro é sua comprovação com a realidade pela prática. Através da prática produtiva, social, científica etc... podemos certificarmo-nos de que nossas concepções correspondem ou não à realidade, que o conhecimento é verdadeiro. Portanto, é a prática o critério de verdade de nossos conhecimentos, de nossas teorias.

05. Como entender a prática como critério de verdade?

É também sabido que este critério não é de simples comprovação; e é exatamente por isto que a verdade não é um objeto de contemplação mas exige uma atividade incessante do homem no confronto com a natureza, com os homens e com a atividade do conhecimento. Observa Lenin: "O ponto de vista da vida, da prática, deve ser o ponto de vista primeiro e fundamental da teoria do conhecimento. E ele conduz inevitavelmente ao materialismo, afastando desde o princípio as invencionices intermináveis da escolástica professoral. Naturalmente, não se deve esquecer que o critério da prática nunca pode, no fundo, confirmar ou refutar *completamente* uma representação humana, qualquer que seja. Este critério é também suficientemente "indeterminado" para não permitir que os conhecimentos do homem se transformem num "absoluto", e, ao mesmo tempo, suficientemente determinado para conduzir uma luta implacável contra todas as variedades de idealismo e de agnosticismo". (4)

Poderíamos concluir que estão aí esboçados os pontos principais da teoria do conhecimento. Entretanto, falta ainda

(3) LEFEBVRE, H. Introduction, In LENINE. *Cahiers sur la Dialectique de Hegel*. Paris, Ed. Gallimard, 1967, p. 67-68.

(4) LENIN, V. I. *Materialismo e Empíriocriticismo*. Lisboa, Ed. Avante, 1982, p. 107.

um ponto essencial para encerrar o ciclo fundamental da teoria do conhecimento: para que conhecemos? E aqui vai uma grande diferença entre as várias concepções filosóficas. No essencial basta situar que, na perspectiva filosófica em que nos colocamos, a finalidade do conhecimento não é meramente compreender o intrincado processo de gestação e transformação por que passa a natureza, a história e o próprio pensamento. A finalidade do conhecimento não é meramente compreensiva, ou cultural, como freqüentemente se tem transformado o ensino universitário. A finalidade do conhecimento consiste em permitir a inserção lúcida do homem na transformação da natureza, da história, e em sua própria transformação. Há cerca de 150 anos Marx deixara numa frase lapidar sua reação ao materialismo de Feuerbach, ao afirmar em sua XI tese: "Os filósofos nada mais fizeram que interpretar de diversos modos o mundo; mas trata-se antes de transformá-lo". É desnecessário insistir sobre a importância deste ponto sobre a reflexão da relação teoria e prática no projeto pedagógico da Universidade.

Antes de encerrar estas linhas sobre a importância da teoria do conhecimento na concepção da relação teoria e prática, é preciso assinalar que não se encerra aí o processo de conhecimento e que seria incompleta esta visão se não a situarmos no interior de um processo ininterrupto atravessado por dois movimentos que nos permitem afirmar que o conhecimento — a teoria — nunca é a própria realidade e sim uma aproximação dela. Trata-se do *movimento ontológico*, a que está submetida a própria realidade em suas contínuas transformações, fruto do jogo ininterrupto de suas contradições internas e do movimento *gnosiológico*, pelo qual a capacidade intelectual do homem é capaz de abranger de uma forma cada vez mais compreensiva a realidade e suas incomensuráveis determinações.

"A verdade, diz Lefebvre, (5) é a unidade do sujeito e do objeto; ela inclui uma relação; na verdade não existe separação entre sujeito e objeto, ela exige sua unidade; isto não significa identidade entre sujeito e objeto". (...) E ainda, "a verdade dialética se encontra além, na idéia que ultrapassa, que apreende o conteúdo das idéias anteriores, rompe seus limites e sua unilateralidade e atinge na sua oposição a unidade. O verdadeiro não é substância. Não é também forma subjetiva exterior ao objeto. O objeto sem sujeito não é conhecido. Mas o sujeito sem o objeto é vazio. A verdade é a unidade dos

(5) LEFEBVRE, H. Op. cit., p. 56.

dois. Ela inclui, portanto, a relação: relação do sujeito e do objeto, relação da verdade mais elevada com as verdades incompletas, limitadas (contraditórias) que permitiram atingi-la”.

III — SOBRE A COMPREENSÃO DA TEORIA E DA PRÁTICA

Considerar a questão da articulação da teoria e da prática como um *leitmotiv* que deveria perpassar o esforço constante de renovação dos currículos nos conduz a precisar uma questão de método.

Em que sentido a questão da teoria e da prática permite uma abordagem renovadora? Bastaria delas uma definição única para explorar sua contribuição? A realidade é mais complexa.

“Como se sabe, Marx concebe a dialética como um método de articulação categorial que procede mediante a elevação do abstrato ao concreto, do menos complexo ao mais complexo; essa elevação tem como meta a construção progressiva de uma ‘totalidade concreta’, de uma síntese de múltiplas determinações”, na qual às várias determinações abstratas (parciais) aparecem repostas e transfiguradas na totalidade que as mediatiza e — precisamente por isso — as concretiza”.⁽⁶⁾

Assim, os conceitos de teoria e de prática aparecem como abstrações de realidades extremamente complexas, que pouco a pouco é necessário ir compondo no esforço inventivo de concretizar esta bipolaridade. A totalidade concreta “síntese de múltiplas determinações” para o conhecimento se encontra no final de um processo de análise, onde as contradições exercem um papel fundamental.

Para melhor situar o que se pretende dizer, podem-se tomar dois exemplos:

Quando a teoria marxista analisa a sociedade capitalista como dividida em duas classes fundamentais, a burguesia e o proletariado, ela opera um movimento de abstração que simplifica a complexidade do real, mas, nem por isto, essa abstração é gratuita, ou sem fundamento na realidade. Este conceito abstrato, tirado do real, é a chave para compreender a articulação das outras classes sociais no modo de produção capitalista. Uma formação social concreta mostra-se, sob o ponto

(6) COUTINHO, Carlos Nelson. *A Dualidade de Poderes, Introdução à Teoria Marxista de Estado e Revolução*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 10. Cf. também MARX, Karl. *Introdução* (de 1857). e *Para a Crítica da Economia Política*. Ed. brasileira in *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1974, vol. XXXV, p. 109-131.

de vista da análise de classes, de uma grande complexidade, como o próprio Marx o mostrou, por exemplo, ao descrever uma dezena de classes sociais, na Alemanha, no texto "Revolução e Contra-Revolução" na Alemanha de 1848. (7)

Um segundo exemplo: na teoria marxista de Estado, os conceitos de estado e sociedade civil apresentam características teóricas que devem ser entendidas no âmbito da concepção dialética sob pena de uma visão caricatural e deformadora de sua inter-relação prática. Se, fundamentalmente, o estado é concebido como o lugar da dominação de classe e a sociedade civil como o lugar da hegemonia, estas abstrações que indicam o essencial não devem fazer esquecer a complexidade do real histórico, onde as múltiplas determinações exercem sua influência. (8)

Assim, da mesma forma, a bipolaridade apresentada pelo conceito de teoria e prática coloca sempre presente na ação pedagógica de formar o educador os dois elementos fundamentais da ação humana: *O pensamento* — a teoria — que informa o conhecimento, a paixão, a experiência e a *ação* — a prática —, sem os quais não se dá o ato educativo. Da mesma forma que, para os conceitos abstratos acima evocados, os conceitos de teoria e prática não encontram uma única articulação. A sua unidade se dá num processo onde o esforço de descobri-la exige a atividade prático-crítica e transformadora do homem.

Assim entendendo, a articulação teoria e prática permite como mediação lembrar ao educador a necessidade do esforço constante de descoberta do real, evitando os chavões simplistas que pretendem decalcar a realidade humana sobre teorias estereotipadas aparentemente abertas, mas que, por sua imprecisão, abrem as portas às aberrações mais fantasiosas das quais a história do pensamento é farta. Ao mesmo tempo, lembra-lhe que o vetor principal na unidade teoria e prática não deve ser buscado simplesmente na teoria crítica mas na atividade prático-crítica, como há quase 150 anos sintetizara Marx em sua primeira tese sobre Feuerbach.

(7) IANNI, O. (org.). Marx 2.^a ed., São Paulo, Ed. Ática, p. 102-109.

(8) Ver a este respeito COUTINHO, Carlos Nelson, op. cit., p. 10 a 14.